

I-SAB

CADERNOS DO

P
A/Z

UFRGS
Instituto de Letras

NÚMERO: 16

DATA: DEZEMBRO DE 1996

R
P
D
P
V
P
C
P
P
P
D
L
F
E
I
A

OUVIA mais do que ele? Estou falando do professor, do lingüista, sem com isso menosprezar, é claro, o músico e o poeta que ele foi. Ele nunca negou ouvidos a seus alunos e colegas, nunca fez ouvidos de mercador às nossas dúvidas, à nossa curiosidade. Nossas perguntas tornavam-se muitas vezes as suas perguntas: elas calavam fundo dentro dele (não saiam pelo outro ouvido não), pois, se a sua resposta não era imediata, a solução vinha no dia seguinte. Literalmente, colocávamos pulgas em sua orelha... E quem não se lembra das inúmeras frases que costumava trazer para submeter ao nosso ouvido de falantes do Português? Foi ele que me ensinou a ouvir de verdade, a prestar atenção à língua, a perceber idiossincrasias e construções aparentemente inanalísáveis sob o prisma do nosso conhecimento das estruturas do Português. E suas aulas? Lembram-se dos extensos inventários de construções alternativas para um mesmo significado que ele nos apresentava? E construções submetidas a quê? Acima de tudo ao nosso ouvido de falantes do Português, ao ouvido dos donos da língua, como dizia. Ele estava convencido de que, se fôssemos capazes de fazer os alunos aplicar o ouvido à sua língua, ouvir as suas intuições e acreditar nelas, o aprendizado, transformado em descoberta constante, seria um prazer, e o ensino da língua muito mais produtivo.

Desculpem esta minha digressão, que era para ser mais breve, a respeito desta extensa família de palavras e expressões relacionadas ao verbo AUDIRE/OUVIR. Quero dentre elas escolher a que, a meu ver, melhor define o homenageado: OUVIDOR, não AUDITOR: um funcionário da língua portuguesa, alguém instruído em suas leis, alguém que soube informar sobre a legalidade/legitimidade de suas estruturas, sobre a interpretação de suas leis e sua aplicação às construções efetivas.

AUDITÓRIO CELSO PEDRO LUFT: um lugar em que, espero, saibamos todos transformar-nos em ouvintes receptivos. Em suma: SER TODO OUVIDOS, como ele foi.

Instituto de Letras, 28 de março de 1996.

AVALIAR CONTRA OU AVALIAR PARA? A AVALIAÇÃO NO INSTITUTO DE LETRAS DA UFRGS *

Jane Tutikian e Lúcia Sá Rebello **

Se viver é estabelecer relações, somos avaliados e avaliamos a cada minuto de nossa existência, desde as atitudes mais simples, como a escolha da roupa do dia, às relações mais complexas, as interpessoais. Entretanto, a palavra avaliação assusta, e as raízes deste medo estão no fato de que a avaliação traz consigo a exposição: avaliados ficamos expostos; expostos, ficamos frágeis.

Ora, temos orgulho de pertencer a uma instituição de ensino superior, todos lutamos por isso e, porque somos conscientes, conhecemos seus problemas; entretanto, publicá-los nos fere o orgulho. Por outro lado, acreditamos - e é o que justifica nossa luta diária - dar o melhor no que fazemos. A avaliação pode mostrar que nosso melhor não é o mais rentável, o mais produtivo, o que, certamente, vai ferir nosso orgulho pessoal. Por outro lado, ainda, somos agentes, mas também pacientes históricos, e a avaliação pode expor nossos limites: o que gostaríamos de fazer e o sistema impede, como questões de infraestrutura, que permanecem sem solução, apesar de projetos apresentados. Talvez fossem necessárias ações de ordem política interna no sentido de viabilizar os projetos propostos e, mais ainda, ações concomitantes e permanentes nas frentes acadêmica, administrativa e política, superando o âmbito da Unidade.

* Texto apresentado no Seminário *A avaliação como um organizador qualificado: na prática é possível repensar a Universidade?*, promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Comissão Coordenadora de Avaliação e Comissão Executiva do Processo de Avaliação, no dia 22 de agosto de 1996.

** Coordenadora da COMGRAD-LET e Chefe do Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas, Coordenadoras do NAU do Instituto de Letras.

